



Gaiato



PORTE PAGO

Quinzenário

16 de Junho de 1990

Ano XLVII — Nº 1207 — Preço 20\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

Luta contra a pobreza

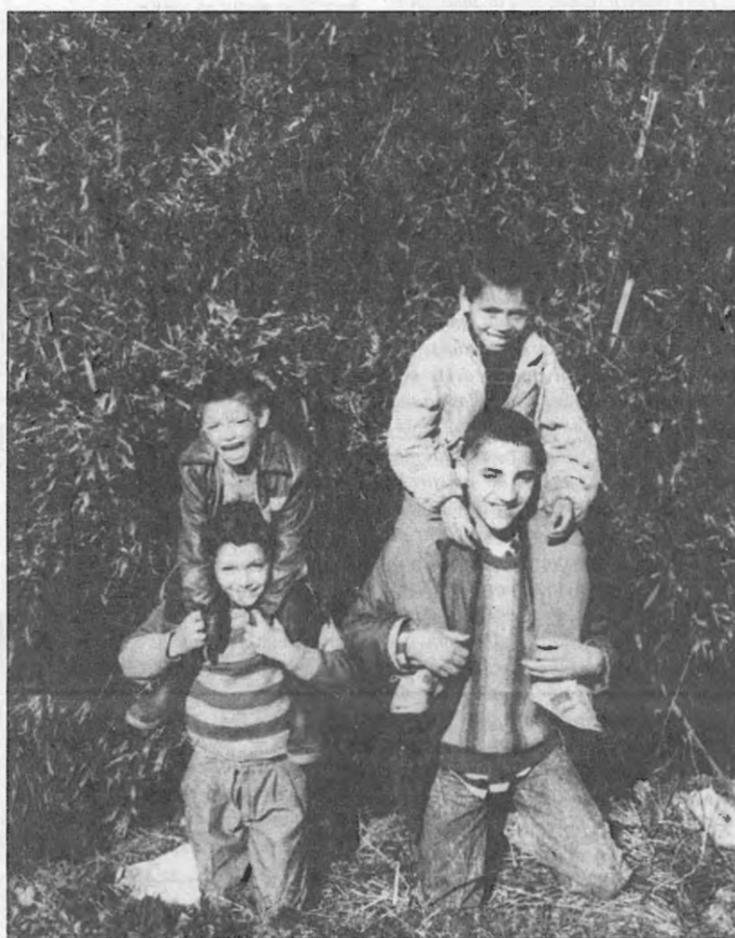
Ao gerar-se um empreendimento como o Programa Comunitário sobre que temos vindo a debruçar-nos, é vulgar surgir a tentação de se colocarem os seus agentes no ponto zero, como se nunca ninguém tivesse visto e reflectido o problema agora em mãos — e esperamos que em fase de solução definitiva. Ora a verdade é que o mal é conhecido e o seu diagnóstico feito desde há muito. Há estudos; há experiências... Houve uma comunidade que durante anos viveu na Viela do Anjo para comungar a vida da gente da Sé e descobrir a fonte do dinamismo capaz de a resgatar mediante a transformação das condições em que se vive no Centro Histórico do Porto. Tem corrido muita tinta, tem havido colóquios e mesas redondas e coisas semelhantes. O que nunca houve foi a sintonia das forças, aquele puxar certo marcado pelo canto de um com que os pedreiros antigos deslocavam pedras enormes quando não havia gruas que o fizessem e eram patentes aqueles quadros de beleza que as máquinas apagaram.

Que a presente Comissão se previna e torneie esta tentação. Eu julgo que o seu primeiro cuidado deveria ser o reconhecimento e a recolha do que já se pensou e fez a respeito do mesmo objectivo que agora tem sobre si, com uma abundância de meios que nunca houve. E que não perca tempo, nem massa cinzenta, nem gaste dinheiro escusadamente em estudos e reuniões que não levam além de onde já se chegou. Se é desatinado agir sem pensar primeiro, não é menos perigoso, porque estéril e frustrante de uma acção que tem de ser continuada até um fim ainda tão longínquo, pretender estudos exaustivos após os quais tudo fica mais ou menos como antes. É pecha nossa pensar demais e realizar de menos. Por isso tão fartos somos de projectos na gaveta.

As populações em estado de pobreza (muitas vezes em níveis de miséria — causa de desumanização) precisam de respostas urgentes, respostas de vida aos males de morte que as afligem. Vai gastar-se mais tempo, ainda muito tempo, em estudos, em reuniões, na busca da solução perfeita, do consenso universal? Vão desperdiçar-se energias na repetição de esforços que já foram feitos, ou na duplicação de estruturas onde já as há preparadas para os fazerem?

Estive há dias no CRUARB e perguntei que papel lhe fora distribuído na presente acção de luta contra a pobreza. Logo percebi que fui algo indiscreto. Mas o CRUARB é um Comissariado criado para a renovação urbana do Centro Histórico. Tem anos de trabalho; tem opinião, de ouvir; tem gabinete técnico; tem planos por concretizar por falta de verba. Teve de enfrentar muitos problemas humanos, cuja solução poderá não ter sido sempre tão bem lograda quanto seria desejável — mas

Continua na página 4



Nas Casas do Gaiato o factor natureza-campo contribue para que o «Lixo das Ruas» preencha os tempos livres com alegria salutar.

SETÚBAL

A pobreza continua a bater à nossa porta

A pobreza continua a bater fortemente à nossa porta! Já tenho passado períodos em que me assusta entrar nas oficinas ou no Lar onde quase sempre me espera uma, duas ou três senhoras que «querem falar particularmente consigo».

Adivinho, pelo seu aspecto e pelo modo de falar o que me desejam. É a renda da casa. É a água cortada. É a luz que se foi. É a mercearia que fez ponto final e não fia mais enquanto vigorar o «calote». São as receitas e necessidade dos remédios. É o marido que desapareceu desprezando uma casa de filhos. É outra posta na Rua por ele, aguardando decisão do tribunal. É a fome, o desânimo. São as doenças e as tribulações.

É bom ser padre para ouvir estes clamores. É bom. Faz-me bem. Ajuda-me a recriar exigência e a sentir-me um amimado de Deus no meio de tanta amargura. Obriga a sentir-me Pai por força das circunstâncias. Um padre deve ser sempre um Pai dos Pobres, dos fracos, dos sofrendores e por eles saborear a sublimação da sua paternidade.

Tem cerca de quarenta anos. É epiléptica e diabética. Não vê quase nada. O marido foi operado no princípio do ano e não há maneira de se endireitar. Fui ver. Paguei a mercearia. Meu Deus!, o merceeiro foi confiante até ao fim de Abril. Havia a luz desde Setembro de 89. Ainda não a saldei, mas prometi.

Ao chegar a casa, mais duas tragédias semelhantes! A mim o que mais me amargura é não ter tempo para verificar a verdade total das queixas. Tenho medo de dar dinheiro sem saber bem. Estou para ajudar no bem e posso concorrer para a degradação. Sem ter a certeza, seguro-me.

Cinco filhos, cheios de sarna. A água cortada. E eles com necessidade de dois banhos diários e roupa lavada para vestir. Sem água, como?

Mandei um rapaz pagar. Só de juro foram quatro contos!

Às vezes estraga-se tanto por

Continua na página 2

OS NOSSOS LIVROS

• 5ª edição do PÃO DOS POBRES — 2º volume

Para além d'O Calvário está pronta — e ao dispor dos leitores —



a 5ª edição do livro *Pão dos Pobres* (2º volume).

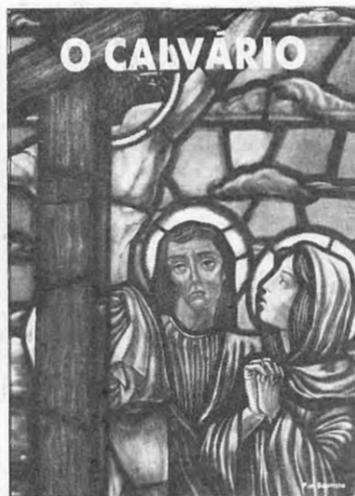
É uma boa notícia, especialmente dirigida a todos quantos (ao longo dos anos) esperam ansiosamente a vez de completar a série de obras com a marca de Pai Américo. Não falando de outros que ainda não possuem livros da nossa Editorial...

O *Pão dos Pobres* é uma colecção *sui generis*, que reúne os primeiros escritos de Pai Américo — como Padre da Rua. Aliás, pela sua riqueza, transcrevemos regularmente alguns extratos n'O GAIATO, sob o título «Doutrina», que são delícia espiritual de muitos leitores.

Como ninguém melhor que o Autor faz a apresentação da obra,

não resistimos a dar à estampa uma

Continua na página 4



PELAS CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

«CASA DO XAI-XAI» — Começou a ser lembrada pelos nossos leitores. Assinante 29884:

«Enviei, por vale, vinte mil escudos para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, aproveitando o local do próprio vale em que se pode escrever umas palavrinhas para expressar o meu desejo de que fosse para a «Casa do Xai-Xai». Aquele dinheiro é para o empregarem naquilo que for mais urgente.»

E mais dez contos de quem «não deseja que a ajuda seja publicada n'O GAIATO».

Estamos a procurar vencer a burocracia... Só depois começaremos a obra que requer muito, muito — de todos! Outra aventura em que nos metemos, com os olhos na fé.

VIÚVAS — Não é demais referir os seus problemas! E a pouca atenção de que são alvo, do ponto de vista da Segurança Social.

Surge agora uma com dois filhos, de 5 e de 9 anos, cujo marido fora vítima de grave acidente e veio a falecer. Ela é muito jovem. Ficou traumatizada. Com a agravante de ser quase analfabeta, não sabia dar passos para requerer subsídio de funeral e a reduzida pensão de sobrevivência.

A tia serve de bordão: «Botem-lhe a mão, q'ela precisa d'ajuda». A mulher olha para os filhos... e não é preciso dizer mais nada!

Assim o mundo compreendesse o calvário das viúvas pobres! Decerto, haveria menos desgraças... — como diz o povo.

HABITAÇÃO — Vamos concluir o esclarecedor apontamento publicado no DP — que não precisa de comentários:

«Feito o balanço no início deste ano de 1990, conclui-se que o sistema (de crédito) apresenta sinais nítidos de esgotamento, não tendo bloqueado completamente devido ao funcionamento parcial do regime geral e do crédito jovem. Os números recolhidos nas três instituições bancárias de crédito (CGD, CPP e MG) são elucidativos.

É de realçar o desinteresse manifestado pelo número de pedidos no último ano. Existem já indícios de que nos últimos dois anos se voltaram a encontrar fogos concluídos sem comprador, uma situação paradoxal tendo em conta que quase metade da população do País está desalojada ou alojada em más condições. Torna-se assim necessário actualizar os parâmetros da concessão de crédito e ajustar esses valores aos níveis reais de mercado, compatibilizando-os com as restantes formas de financiamento, quer da produção quer nos sistemas de custos controlados.

A promoção da habitação social pelo sector público está longe de responder às necessidades apesar do esforço meritório do Instituto Nacional de Habitação e das cooperativas. Em todas as modalidades de promoção habitacional a custos controlados (promoção municipal, cooperativas e CDH) tem-se ignorado quase por completo o arrendamento com características sociais. Confrontados com dificuldades financeiras, os promotores acabam por escoar as suas casas no mercado de habitação própria, fazendo diminuir os plafonds

de crédito disponíveis para o sector privado.

É lógico esperar que o Estado venha a compensar supletivamente através do arrendamento social aquilo que o sector privado não tem tido condições para fazer.

Em Espanha foi criado um mercado hipotecário em 1981, que trouxe consigo mais de uma dezena de sociedades de crédito hipotecário e um dinamismo apreciável ao mercado financeiro e ao sector imobiliário.

Em Portugal, o exemplo de uma oportunidade mal aproveitada de animar um instrumento financeiro de apoio à habitação está na reformulação do sistema poupança-habitação (DL n.º 328, de 6 de Novembro). Ignoram grande parte das medidas que fizeram o sucesso deste sistema, na França, na Alemanha e mesmo em Espanha, e optou-se por uma série de incentivos modestos, insuficientes para dinamizar o sector da habitação em termos de fluxos financeiros. Sobre esta questão, a Aecops emitiu um parecer com propostas concretas tendo em vista o desenvolvimento deste sistema, que viriam a ser ignoradas na sua quase totalidade.

A componente fiscal e parafiscal que incide sobre a habitação encarece significativamente os preços finais das construções, tendo vindo a agravar-se nos últimos anos com a introdução do IVA e a alteração do Imposto de Sisa.

A reforma fiscal de 1989 veio agravar ainda mais este quadro com um aumento de taxas, um alargamento da base tributável e com a introdução da nova Contribuição Autárquica.

Em face da natureza social do sector da habitação seria de esperar um desagravamento fiscal, ainda que transitório.

Em síntese, estes foram os aspectos focados pela Aecops, sendo agora necessário esperar para ver quais as medidas que o Governo irá adoptar para o sector.»

PARTILHA — Mil escudos entregues ao Sonnemberg, à porta da igreja da Trindade, no Porto. Assinante 17431, de Guimarães, sobras de contas «em sufrágio da alma de meu marido». Assinante 17258, Baguim do Monte: 1250\$00 para «a renda da viúva». Santa Cruz do Douro, mais 5000\$00 para um autoconstrutor. Ajudamos alguns! Outro acréscimo, da assinante 13245, do Porto. Ainda da capital do Norte, cinco mil da assinante 14493: «Minha irmã e eu ajudávamos a renda mensal da casa de um viúvo doente e reformado que veio a falecer. Resolvemos, então, que a pequena oferta fosse transferida para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus. Assim sendo, mensalmente, e até que Deus o permita, enviaremos o que pudermos».

Nelas: «Os meus 82 anos estão a portar-se muito mal comigo... E devido a este estado de espírito deixei passar a Quaresma, tempo de reflexão e emenda de Vida, sem mandar a minha ajudazinha para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus. E tanta gente a precisar e eu fechada em mim mesma sem pensar nos que tanto sofrem! Perdoai-me, Senhor!»

Mais um acréscimo da assinante 49647, de Lisboa, «para o que for mais preciso a algum Pobre da Conferência». Por fim, a remessa habitual do Fundão, pela mão do assinante 11902; a partilha habitual dum assinante de Paço d'Arcos; e o voto da assinante 31104 — «com o amor de sempre».

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

MIRANDA DO CORVO

AGRICULTURA — Continuamos com a batata. O Tonito e mais dois estão encarregados de regar e sulfatar o batatal. O milho e o feijão estão a ser sachados; os tomateiros também já têm estacas; as couves também estão muito bonitas.

VISITANTES — Ultimamente temos recebido algumas visitas.

Destacamos algumas delas: Um grupo da Escola Secundária da Guarda; outro, da mesma cidade, do Ciclo Preparatório; outro, ainda, de Buarcos, Figueira da Foz; e casais amigos que desejam conhecer a nossa Obra.

FESTAS — Continuam em alto plano, sempre a correr da melhor forma, com muita gente a apreciar as nossas habilidades. Só faltam mais quatro e não se torne uma Festa só nossa, mas um convívio de todos.

OBRAS — Os pedreiros continuam a reparar os banheiros. Levantaram mais algumas divisões para os mais pequenos. Ficam melhores. Esperamos que, em breve, possamos tomar lá banho.

OFERTAS — Em 30 de Maio, recebemos ofertas de um senhor de Foz de Arouce: muitos pares de botas e algumas sandálias para os mais pequenitos. Outro senhor ofereceu camisas e mais de uma centena de pares de meias. Aqui fica o nosso agradecimento.

GADO — As três porcas que pariram têm vinte e dois leitões. O Padre Telmo foi buscar um vitelo a Paço de Sousa. As nossas galinhas estão cada vez melhores e põem muitos ovos diariamente.

DESPORTO — Realizámos mais um jogo a contar para o torneio.

Desta vez levámos a melhor sobre a equipa do Cardaxo, derrotada por três bolas a zero. A nossa equipa passou para o segundo lugar da série.

Ângelo

PAÇO DE SOUSA

DESPORTO — Em 27 de Maio, domingo, realizámos um jogo amigável com uma colectividade vizinha: o grupo Desportivo das Cavadas.

Um jogo disputadíssimo e, no final, a vitória acabou por nos sorrir: 6-4. O que mostra o equilíbrio, durante a partida, que nos levou a empenhar-nos a fundo para levar o adversário de vencida.

Estamos preparando a estrutura da equipa B, os juniores. Esperemos que o projecto seja levado por diante com a colaboração de todos, já que é uma forma de ocupar os tempos livres e de conviver também com as colectividades que futuramente virão jogar connosco.

EXCURSÕES — Continuam a chegar, quase todos os dias, de várias zonas do País, com particular destaque para as excursões escolares, o que mostra que a Casa do Gaiato tem algum significado para as camadas mais jovens da população. É bom que os jovens saibam a finalidade da Obra da Rua, pois ficam a conhecer um dos muitos problemas da nossa sociedade: o rapaz da Rua.

Apareçam sempre; nós somos a Porta Aberta!

ANO ESCOLAR — Terminou mais um. Para alguns, a alegria de transitar de ano; para outros, a desilusão. Pois não há nada a fazer quando aparece na pauta «reprovado». Temos que nos conformar, recuperar energias para o próximo ano e nunca esquecer a lição: Quer passar? Tens de estudar. Se nos mentalizarmos de que somos capazes de aproveitar, não há nada que nos impeça — a não ser nós mesmos.

A NOSSA ALDEIA — Todos os anos, mais ou menos nesta época, a nossa Aldeia parece outra, com grande variedade de flores e plantas que maravilham os olhos daqueles que nos visitam.

Mas não nos podemos esquecer que as flores não apareceram por acaso. Deram muito trabalho a plantar, sachar, regar. Por isso, há que dar valor às pessoas que aplicaram o seu esforço, ou seja, o Neca e os mais pequenos, os «Batatinhas». São eles que tratam das ruas e jardins da nossa Aldeia com tanto carinho e dedicação. Por vezes, as pessoas não olham a isso e arrancam plantas para levar! Aproveito esta oportunidade para fazer um apelo: — Não arranquem plantas! Elas não são só nossas, também são vossas.

Obrigado!

«Cereja»

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — São inúmeras as ajudas que temos recebido, de ordem material como moral. As cartas são um incentivo para nós, dão-nos muita força porque sentimos que os apelos são atendidos por todos. É através da vossa ajuda e colaboração que vamos tentando ultrapassar algumas situações. Aproveito esta crónica para informar que aguardamos uma resposta da Câmara do Porto sobre a casa para os nossos Pobres. Lamentamos esta demora, mas confiamos que o novo Presidente ouça o apelo e consiga dar luz verde a este pedido que fizemos.

Alguns Pobres vivem numa espelunca que não se pode chamar casa. Preocupamo-nos com as crianças que vivem naquela insegurança, não tendo o mínimo conforto. Custa ver casas desabitadas que podiam albergar muitas famílias. No entanto, vão-se degradando por capricho de algumas pessoas que só pensam no lado material, deixando a parte moral para os outros. Nesta altura fala-se muito na CEE. Será que vão ser contemplados os mais necessitados, ou vão continuar a ignorar que existe miséria em Portugal? Sei que não é tarefa fácil para os responsáveis solucionar todos os problemas de uma vez; mas já vão sendo horas de a voz dos mais necessitados ser ouvida, porque só quem lida com eles é que se apercebe da revolta que os invade, sem nada poderem fazer.

Temos Pobres em que o marido está reformado por invalidez e ela trabalha aos dias e recebem uma ninharia para sustentarem a sua família. Será que todas as famílias em iguais circunstâncias algum dia vão ter possibilidade de pagar renda económica, ou vão continuar a viver na imundície? Terão os responsáveis do País pensado nestes casos, ou querem ignorar que existem estas situações? Temos provas, amigos leitores. Não sou a primeira nem serei a última a dizê-lo; basta ler os jornais.

Não é só lamentar a miséria que acontece aos outros; temos todos que nos preocupar e tentar dar a mão àqueles que procuram auxílio. Atendê-los com carinho e não como marginalizados, porque eles é que nos dão lições de moral. Eles é que sentem na carne como são ignorados. E muitas vezes utilizam uma linguagem agressiva, mas o que os leva a tal procedimento é por estarem fartos de promessas.

Até aqui na habitação. No que diz respeito a medicamentos e assistência médica, vai tudo de mal a pior. Nos hospitais e centros de saúde vão sendo atendidos os casos urgentes, mas no que toca a operações, ficam em lista de espera anos. Quanto aos medicamentos nem se fala! Por vezes as receitas não são aviaadas, porque os doentes não têm dinheiro para pagar as participações a seu cargo. Têm de recorrer às Conferências Vicentinas ou a outras entidades. Devia ser encontrada uma solução para estes casos, criando meios para estas famílias necessitadas não andarem sempre a mendigar. Teria que haver um controle para não haver abusos, porque, assim como há controle nas empresas por causa do IRS e IRC, também havia de haver pessoas habilitadas para estas situações. Sei que há assistentes sociais nas freguesias. Só que não atendem todos os pedidos que lhes chegam às mãos, porque a verba que lhes é destinada não chega para todos os pedidos.

Faço aqui um apelo aos governantes do País: Criem estatutos para os mais carenciados; eles também são eleitores e portugueses.

Desculpem este desabafo, mas sentimos as dificuldades dos Pobres e queremos tentar fazer mais, mas sozinhos não podemos. Continuamos a aguardar as vossas cartas, acolhidas com muito carinho. A todos vós e em nome dos Pobres, muito obrigado.

CAMPANHA TENHA O SEU POBRE — Assinante 47167, 7000\$00; anónimo, 2000\$00; anónimo, de Ermesinde; assinante 30177, 500\$00; anónimo, 500\$00; anónimo, 10.000\$00; assinante 9708, 1.024\$00 em selos; anónimo, 500\$00.

Casal vicentino

SETÚBAL

Continuação da página 1

essas repartições públicas! É a água a correr. É luz sem necessidade. São ares condicionados prás moscas. São aquecimentos desperdiçados. Quinhão dos Pobres de que ninguém cuida!... Os Pobres sim. Esses sofrem na pele todos os nossos pecados de omissão! e... de esbanjamento.

A epilética voltou com uma receita, notícia de que o marido voltara a ser internado e de que não tinha nada para comer! Fingi cara de enfado e mostrei a carteira vazia: — Olhe, não tenho nada. Na despenha, daquilo que nos dão, que compramos nos armazéns e nas fábricas enche-lhe a alcofa.

Alguém tinha deixado junto do molho do correio, num envelope, uma nota de cinco mil. — Está com sorte! Vá aviar a receita.

A gente do caminho da farmácia voltou atrás: — Dê-me algum dinheirinho que não tenho com que comprar nada para levar ao meu marido quando o for visitar ao hospital.

A gente dói-se. Quem não se dói? Não compreendo como o mundo continua a viver alheio perante tanta necessidade.

Padre Aclio

FESTAS

As nossas Festas, no Centro, estão a acabar. Deixam-nos muitas saudades. Cada vez nos sentimos mais em família que se ama e se ajuda. Encontramos sempre tudo pronto e todos os braços abertos.

Começámos em Miranda do Corvo, onde temos o nosso berço. O Salão dos Bombeiros esteve cheio. A nossa sala de jantar também cheinha.

Dias depois, em Leiria. A grande sala do Teatro foi pequena. A Câmara Municipal abriu-nos generosamente as portas. A assembleia vibrou de muita alegria. A ceia marcada pela presença de muitos jovens da cidade.

Chegou a carrinha carregada de coisas boas para vários dias.

A seguir, Arganil. O Teatro, que sempre abriu pontualmente as portas, esteve cheio e encantado. As senhoras vicentinas, como em todos os anos, acolheram muitos mimos que ofereceram.

Dias depois foi a vez de Tomar. A gente de Tomar continua a querer

ser grande hospitaleira e apaixonada pelos gaiatos. No Teatro e na sala da ceia. Um mundo de caixas de lambarices e coisas que fazem nascer água na boca de toda a gente.

No dia seguinte, em Coimbra. Não sabemos se é pelo local, se pelo dia, se pela hora. Temos verificado o desinteresse pelas nossas Festas. Estaremos a perder amigos? Qual será a razão de tal fenómeno? Valeu-nos o Gil Vicente generosamente aberto a celebrar connosco as «Bodas de Ouro» da Obra da Rua.

Poucas horas depois, no Salão do Casino da Figueira da Foz. Que sala encantadora para reunir Amigos! Foi, de facto, uma esplêndida reunião de Amigos a todas as mesas.

No fim-de-semana subimos a Estrela e descemos à Covilhã. O grande Teatro-Cine abriu-se e encheu-se. Consolo-me quando, no fim, no cimo da grande escadaria, vejo a mutidão a sair e a descer muito contente e muito grata pela nossa presença. Foi assim mais uma vez.

Domingo à tarde reunimo-nos no Salão da Misericórdia de Castelo Branco. Uma hora antes já estava cheio. Começámos antes da hora. Apesar de muitos em situações incómodas, ninguém arredou pé! Vimos lágrimas em muitos olhos e recebemos um mundo de abraços e beijos.

Sábado seguinte, Cantanhede. Os vicentinos procuram ser vicentinos e os Amigos correspondem.

Iremos terminar na Lousã, que teve sempre um carinho especial por nós. Esperamos que continue.

Padre Horácio

• CENTRO

LOUSÃ — 16 de Junho, às 21,30, Salão da Escola.

AVEIRO — 22 de Junho, às 21,30, Teatro Aveirense.

• SUL

ESTORIL — 15 de Junho, às 21,30, Escola Salesiana do Estoril.

PRAIAS DO SADO — 16 de Junho, às 21,30, Sociedade Praiense.

ÁGUAS DE MOURA — 17 de Junho, às 21 h, Salão dos Bombeiros de Águas de Moura.

ENCONTROS

em Lisboa

Por razões várias, aconteceu-me ir, em substituição de outrem, a uma reunião importante... Era tal a importância que havia rádio e televisão, pausas, café, etc. A temática tinha a ver com a solidariedade.

Tudo decorria calmamente. A partir de certo momento comecei a estar nervoso e a não me encontrar à vontade no meu fofo assento. É que, durante as intervenções, ouvi, sem contestação, talvez por não ser a ocasião, duas afirmações que se queriam corroborantes e mesmo conclusivas: «O voluntariado é chão que deu uvas»; «o voluntariado tem os dias contados».

Intimamente senti-me agredido e recusei-me a viver num planeta donde o voluntariado tivesse sido banido. Lembrei pessoas e pessoas, homens e mulheres, gente avançada na idade e gente ainda a despertar para a vida. Deixei-me embalar por toda esta gente que encontra a alegria de viver na disponibilidade ao serviço dos Outros. São horas tiradas aos seus interesses, ao seu descanso e ao seu lazer. São momentos de vida tirados à própria vida para que os outros possam viver. Estou quase certo de que é todo este povo de voluntários que vai dando calor ao nosso mundo e que o vai tornando mais humano. É, sem dúvida, toda esta gente que traz à superfície do mundo e que apregoa, talvez em silêncio, aquilo que de mais belo existe no homem, a sua capacidade de amar. Muitos fazem mergulhar a sua actual experiência de doação, na experiência radical de Jesus de Nazaré.

É verdade que a vida hoje é complexa, os problemas são difíceis de equacionar e às respostas exigem competência técnica e científica. É verdade que, nos opacos meandros do tempo social que nos é dado viver, são precisos condutores e criadores devidamente credenciados para abrir caminhos justos e claros. Mas tudo isso necessita que não haja a perda do coração, o preterir a

capacidade de amar e de se doar.

Tenho notado uma certa evolução linguística quanto à classificação profissional que me deixa um pouco preocupado com o conteúdo induzido. Fala-se de técnico de saúde, técnico de serviço social, etc. Espero que a linguagem não indique uma divisão no homem entre o seu saber e a pessoa na sua totalidade e portanto com a sua capacidade de amar, isto é de ser de alguma maneira voluntária.

Noto que até na Igreja a caridade se especializou e funcionalizou. Serviços de solidariedade vestiram o fato da «seriedade» institucional com balcões, secretárias, relatórios, funcionários, horários... Às vezes sente-se a falta da agilidade, da discricção, da alegria que sempre acompanha qualquer trabalho de amor. Noto igualmente a alegria contagiante em certas comunidades cristãs que não têm serviços muito organizados e especializados, mas nas quais o amor fraterno circula. Quantos milagres se operam no interior e à volta destas comunidades!

O voluntariado está a morrer? Então o Evangelho está a morrer! Nestes tempos temos lido o Livro dos Actos dos Apóstolos. São um exemplo de como o fermento evangélico foi atingindo o coração dos homens e o seu fruto apareceu em gestos de vida disponível e de partilha entre irmãos. Receio que frases feitas do género das que ouvi, possam semear o desânimo em muitas vidas que diariamente se dão aos Outros.

Olhando à minha volta, recordo o título de uma revista: «Obra da Rua — meio século de amor». Somos e existimos como voluntariado. Continuaremos nesta linha apesar dos ventos... Muito obrigado a todos os voluntários.

Padre Manuel Cristóvão

Associações de Antigos Gaiatos

• NORTE

Houve uma reunião em Coimbra, a 13 de Maio, com a presença das Associações do Norte e do Centro, faltando as de Setúbal e de Lisboa, por impossibilidade.

Ficaram assentes os seguintes pontos, a apresentar aos Padres da Obra da Rua e a debater com as Associações ausentes:

1º — Procurar a junção de todos os estatutos, que seriam fundidos num único, e providenciar a sua aprovação e consequente legalização.

2º — Procurar, junto da Obra da Rua, para que possa designar um Sacerdote para fazer parte da Associação, sendo porta-voz da mesma junto da Obra da Rua; cujo Padre, em sintonia com a Associação e o consenso das Casas do Gaiato, procuraria a resolução dos possíveis casos de necessidade de antigos gaiatos.

3º — A sede seria, em princípio, no Porto, ficando cada Associação a reger-se pelo mesmo estatuto e pelo seu regulamento interno, tudo isto mediante o consenso e a aprovação da Obra da Rua e Associações.

4º — É ponto assente e fundamental que as Associações não pretendem interferir de maneira nenhuma na orgânica das Casas do Gaiato, só pedindo o apoio destas para a resolução dos problemas que forem deparando e digam respeito a antigos gaiatos. Problemas que possam surgir sem que a Casa do Gaiato tenha conhecimento.

5º — Marcar data para um Encontro Nacional de todas as Associações, que, em princípio, seria em Fátima, em Outubro, dia a designar, transmitindo-se a ideia através de O GAIATO. Teria a participação da Obra da Rua e de todas as Associações, onde se procuraria obter

um consenso para referidos estatutos.

Posteriormente, falámos com o Padre Horácio, em Coimbra, e com o Padre Manuel António e Padre Carlos. Estão de acordo em apoiar a ideia e felizes por o poderem fazer. Usando as palavras do Padre Manuel, o que se pretende é apenas um elo mais entre a Associação dos Antigos Gaiatos e a Obra da Rua. Disse «que era uma 'ponte'. Sim. É isso. É uma ponte!». Para que os laços que nos unem se fortaleçam cada vez mais e, assim, continuará a ser muito bonito ver os antigos gaiatos sempre à volta da sua Casa do Gaiato.

Fernando Marques

• CENTRO

A acção das Casas do Gaiato é fazer de cada rapaz um homem. E, como o homem é um ser inacabado, porque Deus, seu autor, assim quis, a Associação terá que ir continuando a fazer os seus associados cada vez mais Homens, isto é, mais humanos, mais fraternos...

Porque a Obra é de Rapazes, para Rapazes e pelos Rapazes, teremos todos um papel a desempenhar, ajudando as Casas do Gaiato a realizar o seu grande objectivo que vamos recordar, mais uma vez, no dia 1 de Julho, no Encontro anual que desejaríamos fosse um marco importante, neste ano jubilar das «Bodas de Ouro» da nossa Casa-Mãe da Obra da Rua.

Eis o programa:
09.00 horas — Concentração na Casa-Mãe, em Miranda do Corvo. (A caravana que costuma vir de Coimbra, fará a concentração, como habitualmente, junto ao Estádio Universitário, onde estará o Machado a organizar a partida.)
10.00 horas — Atletismo (Volta pedes-

tre, em Corta-Mato) em três categorias etárias e para ambos os sexos: Categoria C — Filhos de associados e gaiatos actuais, dos 12 aos 16 anos de idade; 10.15 horas — Categoria B — Filhos de associados e gaiatos actuais, dos 17 aos 21 anos de idade; 10.30 horas — Categoria A — Associados. (Haverá prémios para as melhores classificações.) 11.30 horas — Eucaristia; 12.30 horas — Almoço oferecido pela Casa-Mãe; 15.00 horas — Sessão, dividida em três partes: informativa, formativa e recreativa.

Na segunda parte, duas perspectivas em relação à Associação: a dum associado e a dos Padres da Rua.

Na terceira parte, reposição, em palco, de alguns números que a Associação apresentou nas Festas, deste ano: «Lírio Roxo», «Vindimas», «Conjunto Podió...ó...chamá-lo!», «Barbeiro de Sevilha», «Travesti» e «Nazaré», ficando ainda aberta a possibilidade de participações a quantos, espontaneamente, desejarem mostrar as suas habilidades. 17.00 horas — Merenda. Traz algo a contar com os teus e também com alguns gaiatos mais novos. Se cada uma das nossas esposas fizer um bolo, pensamos que será suficiente e não lhes será muito difícil... 18.00 horas — Despedida e debandada.

Atenção aos serviços permanentes: Secretaria e Tesouraria, exposição fotográfica e sessões de vídeo, do dia das «Bodas de Ouro».

Como já divulgámos teremos, connosco, alguns companheiros da Associação dos Antigos Gaiatos do Norte que nos visitarão no seu passeio anual, para conviverem e compartilharem esse dia tão especial.

Cá te esperamos, com muita alegria e muita amizade!

Carlos Manuel Trindade

Habitação Social

Com a devida vénia, respigamos do Correio do Vouga:

«As 'ilhas' e as casas degradadas parece terem recebido sentença de morte, se nos ativermos ao programa de realojamento das famílias carenciadas, impulsionado pela Câmara de Aveiro.

Trata-se de um empreendimento de grandes dimensões. Na primeira fase serão entregues 240 fogos; na segunda e terceira fases mais 400.

Os focos residenciais mais desumanizados concentram-se nas 'ilhas' da Campanhã, do Cavaleiro, do Lila, do Ribeiro e do Sacobão. Mas há outras 'bolsas', igualmente

miseráveis, nas ruas de Sá, do Carmo da Pega, do Rato (junto à Sé) e na Avenida 5 de Outubro.

Nem todos os agregados familiares a realojar provêm do sub-mundo habitacional; alguns são forçados a abandonar as suas moradias, em consequência das obras do IP5 ou dos projectos de urbanização no interior da cidade.

Congregar milhares de pessoas, oriundas de meios diversos, na zona de Santiago, respeitando os seus costumes e laços afectivos, é tarefa difícil, arriscada, para a qual se espera a intervenção prestimosa dos técnicos da Segurança Social e dos elementos das paróquias e da Cáritas.

Ao executivo aveirense não podem (nem devem) ser poupados encómos pela coragem de 'pegar de frente' este mal endémico que vem afectando sucessivas gerações: a falta de habitação condigna.»

O sublinhado é nosso.

Notas da quinzena

• Vinha a dizer na televisão daquele dia. Era a hora do te-
lejornal; uma hora nobre, como se
diz, em que a audiência se conta por
milhões. Costumo ver e ouvir
sempre que posso. Pois, vinha lá a
falar das facilidades do divórcio,
agora. A notícia era dada como se
se tratasse de mais um bem para o
Povo, já que a burocracia obrigava
a menos voltas. Dois dias depois,
em comentário sobre os custos da
Justiça em Portugal, de novo
apareceu o divórcio como exemplo
de que a Justiça era barata.

Nunca vejo nem leio estas coisas
como elas vêm na chamada grande
Imprensa. A vida dá-me outros
conhecimentos que me levam a ver o
mal na raiz e a puxá-lo para que os
mais também o vejam.

O divórcio é por natureza um
mal. Mais, é uma fonte donde
promanam muitos males. Uma
família destruída é uma chaga aberta
no corpo da Nação. É uma fonte de
sofrimentos: sofrem os filhos mais

os pais. Quantos mais divórcios
mais chagas abertas.

Há dias tive que me deslocar ao
Porto por força de um convite feito
por um rapaz nosso já casado, para
uma festa de família em sua casa.
Tinha 8 anos quando veio para a
Casa do Gaiato. Hoje, 35 anos,
esposa e três filhas, constituem uma
família feliz.

— Não quero para as minhas
filhas a sorte que eu tive quando eu
era da idade delas — disse-me num
momento da nossa conversa. Então?
Os pais separaram-se e não viu mais
o rosto do pai e da mãe, todos os
dias, à hora em que toda a família
se juntava. Outros meteram-se no
seu caminho. Que confusão! O
coração e a cabeça desta criança
ficaram tão perturbados que ela veio
a perder-se na rua. Marcas tão pro-
fundas ficaram gravadas no ser pe-
quenino e frágil deste garoto! E,
quando acontece não caírem na rua,
lá está o vazio donde promanam a
tristeza e a insatisfação dos filhos.
Até onde? O divórcio é por natureza
um mal.

Creio que as pessoas que falaram,
na televisão, da maneira como vi e
ouvi, desconheciam esta vertente
da vida. Não é, porém, anunciando
caminhos mais fáceis e mais baratos
para o divórcio que se previnem
crimes para não se suportarem cri-
minosos.

• Ainda no Porto, ao descer a rua
que me levou à entrada da casa

onde era a festa, dei com um ado-
lescente que vive fora da família. A
sua história de marginal começou
com a separação dos pais. O
caminho deste filho vai dar à cela
de uma das penitenciárias do País.
Mais um criminoso que a Nação
tem que suportar. Não o seria se a
porta do divórcio não se abrisse
primeiro no coração dos pais e a Lei
não fosse tão solícita em dar co-
bertura à separação.

Não, o Povo não pode sentir-se
feliz por ver e ouvir o anúncio do
caminho facilitado para o divórcio
como se se tratasse dum bem na-
cional.

• Quem me dera ver e ouvir a
notícia de facilidades reais, para se
conseguir uma casa de habitação!

Tinha prometido passar pelo
lugar onde o casal vai erguendo sua
casa para viver. E fui. Que lindo!
Tinham acabado de chegar do
trabalho. Começaram a construir há
4 anos. Estão casados há sete. Têm
uma filha. Querem mais filhos. Mas
sem a casa... Estamos perante um
problema nacional. A sobrevivência
da Nação exige resposta. São mul-
titudes a clamarem. Este casal não
pode recorrer ao crédito bancário
por causa dos juros elevados. Onde
o caminho facilitado? Muitos di-
vórcios não aconteceriam, por
certo, se houvesse casas a tempo e
horas. Vamos continuar a dar a
mão.

Padre Manuel António

PARTILHANDO

• Dia Mundial da Criança

• No dia da Criança:

Conheci o Tadeu sentadinho na
soleira da porta, com a monca no
nariz e espreitando uma réstia de sol
— naquele dia frio. Seus olhos
magoados e tristes ficaram cravados
no meu coração. Entrei, a seguir,
na barraca dos pais. Na sua pequena
cama vi todos os casacos velhos do
pai... Por certo, pensei, por cada
vez que acordou, de noite, ele pôs
um casaco em cima do menino! Que
ternurinha!

Mas porque trouxe, hoje, aqui
o Tadeu?

Pois, ao ouvir as canções na
rádio, tantas palavras bonitas, tan-
tos beijinhos e tantos pirilampos
acesos — a imagem do Tadeu asso-
mou, viva como botão de rosa e
nítida como riacho de montanha.

Recordo que, logo após o nosso
primeiro encontro, levei para ele
dois ricos cobertores de «papa» —
para que, nas noites compridas, os
pirilampos mágicos entrassem no
coraçozinho da sua imaginação.

E, agora, lembro com tristeza
aquele momento: O Tadeu, doente,
na sua pobre tarimba e coberto com
os velhos casacos; e eu com os
olhos vazios, tentando ver pelo
buraco da porta um novo hori-
zonte... O seu pai tinha trocado os
cobertores por vinho!

Tadeu... sempre à margem de
todas as festas de crianças e tão
longe dos sorrisos puros e felizes!

• Coincidiu, este dia, com a venda
do nosso O GAIATO.

Aí fomos nós: Figueiró dos
Vinhos, Sertã, Proença-a-Nova,
Castelo Branco, Alcains, Alpedri-
nha, Tortozendo, Fundão e Covilhã.

E fui pensando... pensando:
Sobretudo, na tarefa gigante dos
mensageiros da Obra da Rua e dos
Pobres. Enquanto milhões de crian-
ças, em todo o mundo, celebraram
este dia entre cânticos de alegria,
bolos e prendas, os nossos, que dis-
tribuem o jornal, levaram a milhares
de leitores a mensagem viva do
amor às crianças sem amor e do
amor aos Pobres sem voz.

O fogo que O GAIATO pega é
algo que nos escapa e, muitas vezes,
nem temos a verdadeira noção.

Já na Covilhã fui com o Carlitos
a uma zona nova da cidade. Depois
do nosso galão na mesinha dum
café, deixei-o só... Um menino-

-pequeno-gigante de sacola às costas
e jornais na mão... Desconhecido
no meio! Mas, uma esperança no
coração e o fogo vivo deste jornal-
pequeno que atieia labareda. Esta,
ultrapassa os aconchegados, os que
têm dons e sorrisos; para chegar aos
arredados, aos sem dons e sem
sorrisos.

Carlitos renasceu no dia da sua
estreia como distribuidor de O
GAIATO. Quando chegou à carri-
nha no local de espera estava
radiante:

— Vendí tantos... Fiz tanto...
Aquele senhor... Aquela senhora...

Verdadeiramente encantado com
o carinho e acolhimento dos seus
fregueses-leitores-amigos, da Covi-
lhã.

Ele era, na sua terra, um esque-
cido!

Ele é, agora, um rei!

• Só mais esta reflexão que, ao
ouvir o relato dum festa de
crianças num espaço de adultos, me
ocorreu:

Em quase todas as cidades e
vilas:

Campos de futebol;
Dancings e discotecas;
Jardins com relva proibida;
Quase somente filmes para
adultos;

Até a nossa inocente televisão,
na hora deles, mostra, tantas vezes,
filmes de amor animal e facadas.

Dá impressão que as festas que
realizamos são conchas para abafar-
mos os gritos da nossa consciência.

Os espaços para as crianças?
Atravessamos cidades e vilas
sem vermos:

Um lago com barquinhos...
Uma relva verde e comprida...
Um comboio pequenino...
Piscinas para eles...
Meu Deus, pelo menos um
balancé!

Nem um balancé...!

Padre Telmo

IMPORTANTE

Sempre que o Leitor escreva
para as nossas Casas — por mor-
d'O GAIATO ou de livros da
Editorial — faça o favor de
indicar o número da assinatura
e o nome e endereço em que
recebe as nossas edições.

Luta contra a pobreza

Continuação da página 1

que lhe confere uma experiência a
considerar. Será que todos estes va-
lores vão ser ignorados pelo novo
Comissariado instituído para a efec-
tivação do actual Programa de In-
tegração Económica e Social da
mesma população do mesmo Cen-
tro Histórico para servir a qual foi
criado o primeiro?

Queria pensar que não, mas temo
que sim. Temo pela vulgaridade
com que tal acontece. E o temor
cresce ao constatar no orçamento
previsto das despesas o peso da
organização (pessoal, documenta-
ção, deslocações, transportes, reu-
niões, auto-avaliação...) — um peso
tal que nos põe a pergunta: quanto
sobrará das receitas para remediar
os Pobres?

Serão eles o centro do alvo nesta
luta contra a pobreza? Se sim, não
se demore a resposta na espera de
soluções absolutamente perfeitas,
que agradem a todos, que cheguem
logo a todos. Que bom se assim
fosse!

A utopia por ser limite fora do
nóssio alcance, é paralisante para a
vulgaridade. Para o homem de Fé,
para o humilde, para o apaixonado
dos valores absolutos como a Ver-
dade e a Justiça, ela funciona como
acelerador da acção. Não se al-
cança, mas tende-se para ela. E o
homem de Fé, o humilde deixa-se
tender por ela. Que importa que o
ponto de tangência esteja no infi-
nito, se é para lá que vamos?! E en-
tão o impossível vai-se rendendo à
vontade do homem.

A utopia começa a ser realidade.
Como o Pai Américo viu bem!

Padre Carlos

OS NOSSOS LIVROS

Continuação da página 1

pequena citação do livro, que
serve de norte aos restantes quatro,
do mesmo título:

«*Afinal de contas, sem de tal me
acordar, dei eu mesmo o nome ao
livro na hora em que o anunciei —
Pão dos Pobres. Assim me sugeri-
ram, por carta e de viva voz, pes-
soas amigas da Obra da Rua: 'Seja
padrinho e pai'. Será, por conse-
guinte, assim chamado o livro que
vai correr mundo.*

(...) *Quantas vezes não faço eu
esta nota de semana rentinho à
cama onde sofrem! Por isso te fe-
res nas letras e vens acusar a tua
presença, no lugar onde eu estiver.
Sim, há-de ser o teu livro de horas.
Será dedicado ao Pobre; ao Pobre
com letra maiúscula, sentido abso-
luto que abrange a legião dos Fa-
mintos e dos Escorraçados, por
amor de quem tenho feito sangue
nos pés e desejaria dar todo o das
veias para melhor os servir e mais
perfeitamente os amar. Chama-se
Pão dos Pobres, o que vais sabo-
rear. Não tem prefácio. Eu podia ir
ter com um senhor grande e falado,
a pedir os dizeres do estilo; mas
não. O Pobre é coisa tão santa e tão*

*divina a missão de o servir que uni-
camente sabe o que diz quem for po-
bre ou servo deles; as experiências
não se transmitem.»*

Os leitores motivados pelo *Pão
dos Pobres* e pel'*O Calvário* façam
o favor de requisitá-los à *Editorial
da Casa do Gaiato, Paço de Sousa,
4560 Penafiel*; ou a qualquer uma
das nossas Casas do Gaiato.

Não deixa de ser oportuno referir
a colecção completa da nossa
Editorial. De *Pai Américo: Pão dos
Pobres* (4 volumes); *Obra da Rua*;
Isto é a Casa do Gaiato (2 volumes,
o 2º esgotado); *Barredo*; *Ovo de
Colombo*; *Viagens*; *Doutrina* (3
volumes); *Cantinho dos Rapazes*;
Notas da Quinzena; *De como eu
fui...*; *Correspondência dos
Leitores*.

Doutros autores: *Subsídios para
o Estudo do Pensamento Pedagó-
gico do Padre Américo*, Dr. João
Evangelista Loureiro (esgotado);
Calvário, Padre Baptista; *A Porta
Aberta, Pedagogia do Padre
Américo — Métodos e Vida*, Dr.^a
Maria Palmira de Morais Pinto
Duarte; *O Lodo e as Estrelas*, Pa-
dre Telmo Ferraz.

Júlio Mendes



Director: Padre Manuel António — Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Adm.: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel — Tel. (055) 952285
Fotocomp. e imp. offset: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel — Cont. 50078898